

Entrevista com a Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho (UNESP-Franca)*

Tháís de Almeida Rodrigues**
Ana Carolina Picoli Sotocorno***

Submetido em: 30-7-2023

Aceito em: 29-8-2023

* Entrevista concedida em 08 de julho de 2023 para compor o dossiê Conflitos político-religiosos na Antiguidade e no Medievo da *Revista Caminhando*.

** Universidade Estadual Paulista (Unesp – Franca)
thais.a.rodrigues@unesp.br



*** Universidade Estadual Paulista (Unesp – Franca)
ana.c.sotocorno@unesp.br



Introdução

A historiadora Margarida Maria de Carvalho é um dos grandes nomes das pesquisas em Antiguidade Tardia no Brasil, com mais de 33 anos de carreira, sendo especialista nas temáticas que envolvem o Imperador Juliano (331-363 E.C.), como sua *paideia*, seu governo e suas ações no campo militar. Atualmente, a pesquisadora é Professora Livre-Docente do Departamento de História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP-Franca e do Programa de Pós-graduação em História da Unesp. A professora também coordena o Grupo do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (G.LEIR – UNESP-Franca) e é vice-coordenadora do Laboratório de Arqueologia da UNESP-Franca (Lab.Arque).

Entrevista

Entrevistadoras: Você foi uma das primeiras, senão a primeira pesquisadora no Brasil a utilizar e definir o conceito de político-religioso. Você poderia explicá-lo? Além disso, percebemos que você defende uma correspondência entre a questão política e os conflitos religiosos. Gostaríamos que comentasse porque você acredita que todo conflito religioso tem uma motivação política.

Profa. Margarida: Em primeiro lugar eu gostaria de agradecer ao convite para fazer essa entrevista. Para mim é uma honra contribuir com o dossiê, que será muito útil para os meus alunos de graduação, pós-graduação e para os meus orientandos que trabalham com temas relacionados à

religião e à política, tanto no período da República romana, do Principado romano, da Antiguidade Tardia, quanto em temas relacionados à Grécia Antiga. Sempre acreditei que as motivações religiosas na Antiguidade e até mesmo hoje, na contemporaneidade, possuem uma correspondência com as questões políticas. Os indivíduos em si já são políticos. As sociedades em si, são políticas. Nós sempre agimos de forma política, mesmo nos campos social e cultural. Eu não acredito só na questão político-religiosa, como na questão político-cultural. Eu não estou me referindo aqui trabalhos de caráter teológicos que discutem fundamentações religiosas e teorias filosófico-religiosas, esses pontos de vista e possuem muito valor. Estou, apenas, diferenciando questões históricas das teológicas. No campo da História, sempre podemos fazer uma conexão entre política, religião e cultura. Por exemplo, o Imperador Constantino não aceitou o cristianismo somente porque nele acreditava, era uma questão política, pois era um momento de redefinição do Império Romano em termos de organização político-administrativa. A Antiguidade Tardia nos leva a pensar nesse momento de redefinição, inclusive a partir de Diocleciano. Dessa forma, Constantino estava inserido nessa redefinição do que seria o Império Romano no século IV E.C., que trazia, igualmente, uma tentativa de se construir uma ideia em torno da unidade Imperial. Logo, a questão do cristianismo se vincula estritamente a essa questão política.

Entrevistadoras: Seu recorte de estudo é a Antiguidade Tardia. O que você gostaria de destacar sobre esse período?

Profa. Margarida: Houve uma renovação nos estudos da Antiguidade Tardia. Tal renovação, no Brasil, se deu com o primeiro grupo que se dispôs a fazer estudos sobre a Antiguidade Tardia, que foi o grupo da professora Maria Sonsoles Guerras Martin (UFRJ). Nós tínhamos um grupo de pesquisa que se chamava *O Império Romano do IV ao VII séculos d.C.* Ela foi quem introduziu no Brasil o estudo da Antiguidade Tardia se baseando na historiografia ibérica. E a partir daí, quando eu me juntei ao grupo, já entrei com a meta de estudar o período sob a conceituação de Antiguidade Tardia e não com aquela visão monolítica de queda do Império Romano, que foi praticamente inaugurada por Edward Gibbon no final do século XVIII. Hoje em dia, eu destacaria o estudo das fronteiras e das identidades na Antiguidade Tardia como um tema que está muito em voga. Isso porque temos muitos grupos de estrangeiros, os grupos bárbaros – chamados dessa forma por mim sem nenhum aspecto pejorativo - cujos estudos nos possibilitam a abertura de muitos horizontes de pesquisas os quais enriquecem

as pesquisas em Antiguidade Tardia. A investigação de novas influências e confluências culturais envolvendo esses povos no Império Romano é um estudo que vem se renovando a cada dia. Ao contrário do que se pensava nas décadas de 1980 e 1990 do século passado, hoje em dia, os temas ligados a Principado Romano não mais ricos do que os de outros períodos da História do Império Romano. O principado, obviamente, traz muitas novidades e é muito importante porque as renovações historiográficas nos trazem novas luzes de conhecimento sobre todos os períodos do Império Romano. Mas, a velocidade em que surgem assuntos e pesquisas novas sobre a Antiguidade Tardia é muito grande. Eu definiria o arco temporal da Antiguidade Tardia de meados do século III ao VII século E.C.

Entrevistadoras: Atualmente novos debates têm surgido sobre o conceito de Antiguidade Tardia. Alguns autores, como Peter Heather e Bryan Ward-Perkins, compartilham de visões catastrofistas sobre os séculos IV e V. Jean-Michel Carrié se posiciona contra essa ideia, no entanto, afirmou em 2021 (no prefácio do livro *O Império Romano no Século III: crises, transformações e mutações*, de Semíramis Corsi Silva e Moisés de Antikeira) que o Império Romano do Ocidente terminou no século V. Na sua visão, a opinião desses autores se diferencia em que sentido? Você acha que a Antiguidade Tardia Ocidental termina com a deposição do último imperador em 476?

Profa. Margarida: Bom, as opiniões deles são completamente divergentes. Percebemos uma concordância entre Peter Heather, que é um grande conhecedor de fronteiras e povos bárbaros, e do historiador Bryan Ward-Perkins, que também tem um conhecimento fantástico sobre a arqueologia do período, porém são visões que advogam a favor da queda do Império Romano Ocidental. No que diz respeito a Jean-Michel Carrié, um dos mais ardentes defensores da conceituação de Antiguidade Tardia, ele comenta nesse prefácio do livro da professora Semíramis e do professor Moisés Antikeira, que a Antiguidade Tardia é um período de renovação da ideia do poder imperial, como eu respondi na pergunta anterior. Essa ideia de renovação é um outro aditivo muito importante para pensarmos essa conceituação de Antiguidade Tardia. Carrié aponta que a Antiguidade Tardia no Ocidente vai até o V século da era comum, mas nem todos os historiadores concordam com essa datação. Ele fala isso, creio eu, muito devido a ligação que é feita no Ocidente com a deposição do último imperador Flávio Rômulo Augusto. Na minha opinião, eu diria que em certos reinos bárbaros do ocidente, podemos mesmo dizer que temos ele-

mentos que são romano-bárbaros. Então eu acho que há uma confluência entre tradição político-cultural romana e os costumes e tradições bárbaros. Assim, nós temos nesses reinos o romano-bárbaro. Além disso, concordo com Renan Frighetto quando comenta que a ideia que legitima o poder do rei nos reinos bárbaros é muito parecida com aquela justificada pelo imperador romano. Então eu diria que sim, que o conceito de Antiguidade Tardia pode ser tranquilamente aplicado ao período dos séculos VI e VII E.C. no Ocidente.

Entrevistadoras: O Imperador Juliano, ainda hoje, é chamado de o Apóstata por alguns estudiosos. Sabemos, no entanto, que ele foi muito mais do que um negador do cristianismo. Seus conhecimentos filosóficos, seu desempenho em batalha, sua administração, também merecem destaque. Você poderia falar um pouco sobre esse Imperador a quem você dedicou grande parte de sua vida acadêmica?

Profa. Margarida: Eu posso falar muito do Imperador Juliano, mas a primeira questão que eu acho problemática é a alcunha que ele recebe de Apóstata. Porque é necessário compreendermos de maneira mais detalhada cada período da história desse Imperador. Tais períodos possuem suas particularidades, alguns ingredientes muito diferentes de outras épocas da própria história de Juliano, embora ele tenha tido um arco temporal muito curto, já que morreu muito jovem. Juliano se tornou César através da nomeação dada pelo Imperador Constâncio II em 355. Até 360 ele é o César desse Imperador, esse período da história de Juliano é bastante negligenciado em termos documentais, mas não na cultura material em que ele se coloca como co-imperador. Ele assume o título de co-imperador de Constâncio II quando houve uma movimentação das tropas nas Gálias a favor de Juliano para que fosse Imperador. É claro que ele se aproveitou disso e se autointitulou co-imperador e isso é visto, principalmente, através da análise da numismática do período. As numerosas documentações textuais que tratam sobre Juliano não comentam muito sobre esse período dele como co-imperador. Depois, com a morte de Constâncio II, Juliano se tornou o único Imperador de 361 a 363. Então, toda essa história de Juliano possui partes muito específicas e, geralmente, quem aceita essa alcunha de “apóstata” negligencia as particularidades de sua História.

Sob o meu ponto de vista, eu diria que ele começa a se tornar mais radical dentro da sua crença filosófica neoplatônica depois que ele se torna imperador, sobretudo, a partir da sua estada em Antioquia. Podemos averiguar através das cartas escritas nessa cidade por esse personagem, que

ele vai se tornando mais radical em relação às suas críticas aos cristãos. Nesse curto período, que seria entre 362 e 363, foi que Juliano passou a adotar uma legislação e práticas mais severas em relação ao cristianismo. Desse modo, torna-se difícil afirmar que antes dessa fase, ele era um perseguidor cristãos ou que negou totalmente o cristianismo. Vale lembrar que no início de seu governo como Imperador, ele mandou trazer do exílio vários bispos cristãos de diferentes vertentes do cristianismo exilados por Constâncio II, o qual era ariano. Para mim, o próprio Juliano é um símbolo de hibridismo político-religioso. Ele é muito híbrido. O que é que eu estou querendo dizer com isso? É que a formação cultural de Juliano foi cristã ariana e depois é que ele se descobriu como um neoplatônico. Mesmo se aprofundando no neoplatonismo, não é possível retirar todas as características da sua formação de uma hora para a outra. Logo, tal imperador é um símbolo de uma confluência entre alguns elementos cristãos e a filosofia neoplatônica. Isso eu pude perceber nos meus últimos anos de pesquisa sobre o imperador Juliano. Se você me fizesse essa pergunta há 30 anos atrás, eu diria que ele jamais teria alguma influência cristã, mas, hoje, eu já digo que sim. Acredito que o seu próprio rigor em relação ao neoplatonismo, porque Juliano era radical, lembra muito o dos cristãos radicais, assim como a questão ascética. Tem muitas características político-culturais confundidas, então, para mim, é isso: eu o definiria como um símbolo de hibridismo cultural.

***Entrevistadoras:* Em seu livro autoral, *Paideia e retórica no Séc. IV D.C.: a construção da imagem do imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno*, você discutiu sobre a construção da imagem de Juliano por Gregório de Nazianzo. Tenho duas questões aqui: *Entrevistadoras:* Você poderia nos explicar o que seria essa *paideia*? 2) Na sua visão, essa imagem que Gregório de Nazianzo transmitiu do Imperador Juliano impactou a forma com que os autores posteriores retrataram esse Imperador?**

Profa. Margarida: Em primeiro lugar, e fico feliz de vocês estarem relembando o meu livro autoral fruto da minha tese de Doutorado defendido em fevereiro de 2003. Eu só consegui publicar o livro em 2010. É claro que, desde então, o meu conhecimento se ampliou bastante, abrindo um leque de ideias sobre o tema e sobre o próprio Imperador Juliano. Obviamente, isso me deixa muito feliz, porque significa que eu não fiquei estagnada no tempo e no espaço. Eu continuo buscando informações sobre construção e desconstrução de imagens de imperadores, não só a de

Juliano. Mas Juliano, é claro, é o meu mote. Dessa forma, eu continuo definindo *paideia* como eu fiz em meu livro: a *paideia* é uma educação que visa não somente um conhecimento político e cultural, mas, acima de tudo, um saber militar e administrativo. Essa ideia de *paideia*, que eu conceituei na época do Doutorado é um conceito que está se ampliando cada vez mais. Eu vejo, por exemplo, que Juliano, nas suas práticas administrativas e militares, leva muito de seus conhecimentos filosóficos, sem dissociá-los um do outro. Portanto *paideia* é um conceito que abrange todo esse tipo de conhecimento: político, religioso, filosófico, militar e administrativo e que para aplicá-lo é necessário o exercício da retórica. E há quem diga que eu fiz essa conceituação de uma forma muito elitizada, que eu pensei só nos grupos mais abastados. Mas eu continuo enxergando a *paideia* dessa maneira, porque quando analisamos as documentações do próprio Juliano ou de quem fala dele, a *paideia* pode ser classificada dessa forma. Com isso, eu classifiquei e conceituei essa *paideia* através dessa análise documental, pois percebi que há um elo entre todos esses pensamentos do Juliano.

Em relação à pergunta sobre a visão de Gregório Nazianzeno acerca de Juliano, eu achei muito interessante. É importante recordar que ele faz uma invectiva. Aliás, todos os intelectuais cristãos são maravilhosos. O poder de persuasão deles é uma coisa extraordinária. Quando eu li as duas invectivas feitas pelo Nazianzeno contra Juliano as achei incríveis. Se não temos uma base histórica, é muito fácil ser convencido por ele. Quanto a Juliano, Gregório o chama de “filho do satã” e coisas do gênero. Isso faz parte da retórica cristã e esses cristãos como o Gregório de Nazianzo, Basílio de Cesaréia e Gregório de Nissa eram realmente muito radicais. Digamos que há uma leve suavização do caráter combativo dos textos cristãos produzidos na Antiguidade Tardia, depois dos escritos desses capadócijs. Eles eram extremamente combativos. Não que Jerônimo e Agostinho, por exemplo, não sejam combativos, mas a forma de explanação do cristianismo em si ou quando escreviam contra alguém é mais suave em relação aos autores anteriores. A meu ver, esses cristãos, em meados do século IV, queriam defender o cristianismo niceno, porque havia uma enorme gama de cristianismos disputavam a posição de ortodoxia cristã. É impressionante como as pessoas não têm essa noção de como os cristãos conflitavam. Em outros termos, para exercerem suas posições se utilizavam de recursos muito radicais. Eu não tenho a menor dúvida de que o texto do Nazianzeno, essa invectiva contra Juliano, influenciou cristãos posteriores a ele. Ele foi praticamente um dos primeiros a fazer esse tipo de discurso

contra Juliano, porque a ele era contemporâneo. Mas, nós também não podemos nos esquecer de outro autor, pouquíssimo trabalhado na historiografia internacional e nem um pouco na nacional, que é o Efraim de Nísibis. Eu estou para escrever um artigo sobre esse autor no que tagem a Juliano. Efraim, embora não seja tão conhecido quanto o Gregório, escreveu contra Juliano em 363, logo após a morte daquele Imperador. As orações IV e V, *Contra Juliano*, de Gregório de Nazianzo são de 364 e de 365. Todavia, sem dúvidas, esses textos influenciaram muito as opiniões negativas acerca de Juliano difundidas por autores cristãos posteriores a ele.

Entrevistadoras: Por qual razão a pesquisa sobre esse Imperador a atraiu?

Profa. Margarida: Durante minha graduação, iniciada em 1984, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, realizei as disciplinas de História Antiga em de 1986. Isso se deve ao formato flexível do currículo do curso de História da UFRJ, que permite aos alunos escolherem suas disciplinas desde que elas se encaixem em seus horários e haja uma oferta adequada de matérias obrigatórias e optativas. Essa estrutura perdura até os dias atuais. Após cursar disciplinas sobre o mundo contemporâneo e América Latina, decidi me aprofundar no estudo da História Antiga, o que acabou despertando uma grande paixão por esse campo de estudo. Na época, na estrutura do curso de História da UFRJ o setore de História Antiga e Medieval era composto pelas duas áreas, embora, atualmente, elas estejam separadas há muitos anos. Quando procurei o antigo setor de História Antiga e Medieval e expressei meu desejo em explorar temas relacionados à Antiguidade, percebi que, como a maioria dos alunos de graduação, ainda não tinha uma ideia clara do que exatamente queria estudar dentro desse vasto campo. Geralmente, os alunos tem apenas uma noção se querem Antiguidade Oriental ou Ocidental. No meu caso, eu sabia apenas que estava interessada em Roma Antiga. Foi durante as conversas com a minha orientadora de iniciação científica, professora Norma Musco Mendes, e a coordenadora do projeto sobre *O Império Romano do IV ao VII séculos*, que surgiu a sugestão de estudar algum autor relacionado ao projeto coletivo em que estavam trabalhando. Assim, comecei a ler vários autores cristãos, textos de Juliano e Amiano Marcelino. Foi com Juliano que me identifiquei profundamente naquela época. A forma como ele escrevia suas cartas e discursos com convicção me fascinou. Além disso, Juliano se destacou por se opor à tendência de afirmação do cristianismo que ocorria naquela época, mesmo sendo educado dentro dessa religião.

Sua inquietação e angústia transmitidas nos textos me atraíram muito. Foi uma paixão à primeira vista, e desde então, continuo estudando e explorando temas relacionados a Juliano. Pesquisei sobre ele e os autores que falam a seu respeito, e, também tenho interesse em abordar a cultura material associada a esse imperador. A trajetória de Juliano continua a me fascinar até os dias de hoje.

Entrevistadoras: O que está pesquisando no momento?

Profa. Margarida: No momento, estou pesquisando um tema que também já me atraía desde a minha graduação, finalizada há muitos anos. Atualmente, minha pesquisa está voltada para medicina e alimentação na Antiguidade Tardia. Dentro dessa área, estou pesquisando os tratados do médico Oribásio de Pérgamo que fez alguns tratados sobre alimentação destinados a Juliano e as suas tropas militares. Oribásio de Pérgamo, que foi médico e amigo pessoal do Juliano, também não é muito estudado na historiografia internacional e principalmente na nacional. No Brasil não tem ninguém que comente dele, eu sou a primeira a trabalhar com Oribásio. É interessante porque o meu foco principal é o Oribásio e pela primeira vez eu estou deixando um pouquinho de lado Juliano, mas é evidente que há uma ligação entre os dois personagens.

Referências bibliográficas:

CARVALHO, Margarida Maria de. *Paideia e retórica no Séc. IV D.C.: a construção da imagem do imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno*. São Paulo: Annablume, 2010.

SILVA, Semíramis Corsi; ANTIQUIERA, Moisés. *O Império Romano no século III: crises, transformações e mutações*. São João de Meriti, RJ: Desalinho, 2021.